

VISUAIS

Museus europeus homenageiam Geraldo de Barros

Milton Michida/AE - 3/8/94

Retrospectiva do pioneiro da fotografia abstrata no Brasil será aberta em Colônia

ANGÉLICA DE MORAES
Especial para o Estado

Um dos pioneiros da fotografia abstrata no mundo e um dos nomes fundamentais do movimento concretista brasileiro, o paulista Geraldo de Barros (1923-1998) ganha um retrospectiva itinerante que vai frisar definitivamente sua importância no circuito internacional. Será aberta amanhã no Museu Ludwig de Colônia (Alemanha) uma mostra de fotos, pinturas, desenhos, gravuras e aquarelas do artista, além de documentos sobre sua vida e obra.

A exposição, que permanece no importante museu alemão até 14 de novembro, seguirá para o Kunstmuseum de Zurique. Depois, será vista na Bauhaus (Berlim), um dos lendários berços da arte concreta, viajando a seguir para o Museu de L'Elysée (Lausanne, Suíça). Há contatos bem adiantados para levá-la ao Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), em 2001. Está confirmada a chegada de um recorte dessa mostra a São Paulo, em 3 de novembro, no Sesc Pompéia.

Reinhold Misselbeck, curador de fotografia e vídeo do Museu Ludwig, é também o curador da mostra itinerante, que conta com a organização e coordenação de uma das filhas do artista, Fabiana de Barros, e de seu marido, o cineasta suíço Michel Favre. O patrocínio do evento é do Sesc São Paulo, da TV Senac, do Ministério da Cultura suíço (Pro-Helvetia), do Itaú Cultural e do Goethe Institut.

Patrocinadora da primeira edição (vintage) de uma tiragem de 66 fotos da derradeira e inédita série de Geraldo de Barros, *Sobras* (1996-1998), executada em laboratório especializado suíço, a galeria paulistana Brito Cimino realizará, de 5 de novembro a 8 de janeiro, uma exposição desses trabalhos, ao lado de uma seleção de fotografias, pinturas e design de móveis realizados pelo artista.

Telas e filmes - O foco principal da mostra itinerante européia é um conjunto de 120 fotografias, tanto da série *Fotoformas* (1946-1951) quanto da série *Sobras*. Há, porém, exemplos eloquentes de sua produção pictórica, desde o período concreto (Geraldo foi um dos fundadores do Grupo Ruptura, em 1952, ao lado de Waldemar e Lothar Charroux, entre outros) e do período pop (em 1966, fundou o Rex Time com Nelson Leiner e Wesley Duke Lee).

As homenagens a Geraldo de Barros serão complementadas com o lançamento de um livro pela importante editora alemã Prestel, com 120 imagens de fotos e duas versões (português-alemão e francês-inglês), centrado na análise da produção fotográfica do artista e com textos de Reinhold Misselbeck. O cineasta suíço Michel Favre finaliza atualmente um filme em longa-metragem (35 mm, com duração de 1h20) sobre o artista. A produção é da Tatu Filmes, de Cláudio Kahns.

Não se trata de um documentário convencional, mas de uma interpretação do Brasil e sua história por meio da obra de Geraldo. A estréia mundial da película *Geraldo de Barros: Trajetória de um Brasil Moderno* será em São Paulo, em novembro, no Sesc Pompéia. Uma versão em vídeo será exibida na TV Senac. A trilha sonora está sendo composta pelo suíço Peter Scherer, músico que produziu o disco *Estrangeiro*, de Caetano Veloso. Scherer fará show em São Paulo, também no Sesc Pompéia, para interpretar a totalidade das músicas que compôs inspirado na obra visual de Geraldo de Barros.

Em entrevista ao Estado, por



Pintura da fase pop: foco da mostra européia é a fotografia, mas ela contém também exemplos de sua produção pictórica



Barros: mostras no exterior

Cópias vintage dessas imagens foram doadas pela família do artista a diversos museus de São Paulo, entre eles o Museu da Imagem e do Som (que tem 40 originais do artista).

As mostras internacionais de prestígio coordenadas por Fabiana foram iniciadas no Museu de l'Elysée, em 1993. Essa data demarcou uma crescente visibilidade do pioneirismo de Geraldo de Barros na fotografia abstrata. Embora tenha iniciado sua carreira pela prática da tradicional pintura de cavalete, ele logo iria abandonar as aulas dos modernistas Clóvis Graciano e Takaoka por experiências mais radicais com o suporte. O recorte e a translação de formas que ele começou a realizar na fotografia no fim dos anos 40 seria a operação formal que o levaria a investigações mais aprofundadas, na seara do concretismo, como um dos líderes do Grupo Ruptura.

Nova consistência - A reflexão teórica e crítica sobre sua contribuição estética começaram a ganhar expressividade internacional nesta década. Charles-Henry Favre, ex-diretor do Museu l'Elysée e curador da primeira retrospectiva do artista brasileiro nesse museu, considera que "Geraldo realizou uma pesquisa muito inteligente, que lançou a fotografia no coração das principais questões plásticas da sua época". O atual diretor desse museu, Daniel Girardin, também admira a obra de Geraldo. Segundo ele, o artista "produziu uma obra particularmente original, sozinho no Brasil moderno do pós-guerra, mas em nada isolado das grandes correntes internacionais da arte".

No texto que integra o livro publicado pela Prestel, o curador Reinhold Misselbeck debruça-se sobre a última fase do artista - a série fotográfica *Sobras* - para frisar que Geraldo "se equipara às novas gerações de artistas" e observa "a leveza quase brincalhona com que os recortes são feitos, produzindo áreas de sombra que trazem ao quadro nova consistência".

Para criar essa derradeira série de obras, Geraldo novamente inovou nos processos de interferência nas imagens. Após a ruptura alcançada com *Fotoformas* no fim dos anos 40, em que riscava o negativo, perfurava ou recortava, criando novas sintaxes visuais, nos anos 90 ele foi ainda mais revolucionário. Prescindiu até mesmo da foto feita intencionalmente com finalidades artísticas.

Geraldo foi buscar como material de trabalho as fotos de viagem de férias, feitas para mero registro familiar e que costumam repousar intactas em álbuns de recordação. Essas imagens banais ganharam outro registro ao ser retalhadas com estilete e recombinadas. Um instantâneo de esquiadores na neve, retalhado para isolar um de seus personagens, pode transformar-se em reflexão sobre a separação causada pela morte. *Sobras*, aliás, parece nutrir-se do duplo movimento de recordar e recortar, de avaliar a memória nos seus movimentos mais ternos e prefigurar a separação inevitável trazida pela lâmina do tempo.

É uma pena que o Museu de Arte de São Paulo (Masp) não seja a sede dessa mostra no Brasil, uma vez que foi no pioneiro laboratório de fotografia do Masp, instalado por Pietro Maria Bardi, que Geraldo realizou as experimentações formais da sua famosa série *Fotoformas*. Uma demonstração de que o Masp, já divorciado da comunidade cultural pela ausência de diálogo com a produção contemporânea brasileira e o pensamento teórico atual, se divorcia cada vez mais de sua história.

telefone, da Suíça, Fabiana de Barros diz que o último período de vida de Geraldo foi marcado por um retorno entusiasmado às pesquisas de linguagem com a fotografia, vertente de sua produção que tinha abandonado no início dos anos 50 em favor da pintura e do design. "Ele realizou aproximadamente 250 novas imagens fotográficas no espaço de apenas um ano", conta, frisando que seu pai contou com o auxílio inestimável da assistente e fotógrafa Ana Moraes para a execução dessa tarefa.

Surpresa - A grande produtividade é especialmente notável se for observado que Geraldo de Barros, hemiplégico por causa de uma isquemia cerebral que o atacou com 1983, tinha seus movimentos bastante reduzidos. Mesmo assim, parte significativa de sua obra é posterior à doença, a começar pela série concretista *Jogos de Dados*, volumes virtuais criados a partir de formas planares construídas com chapas de fórmica e variações em torno da figura geométrica do cubo.

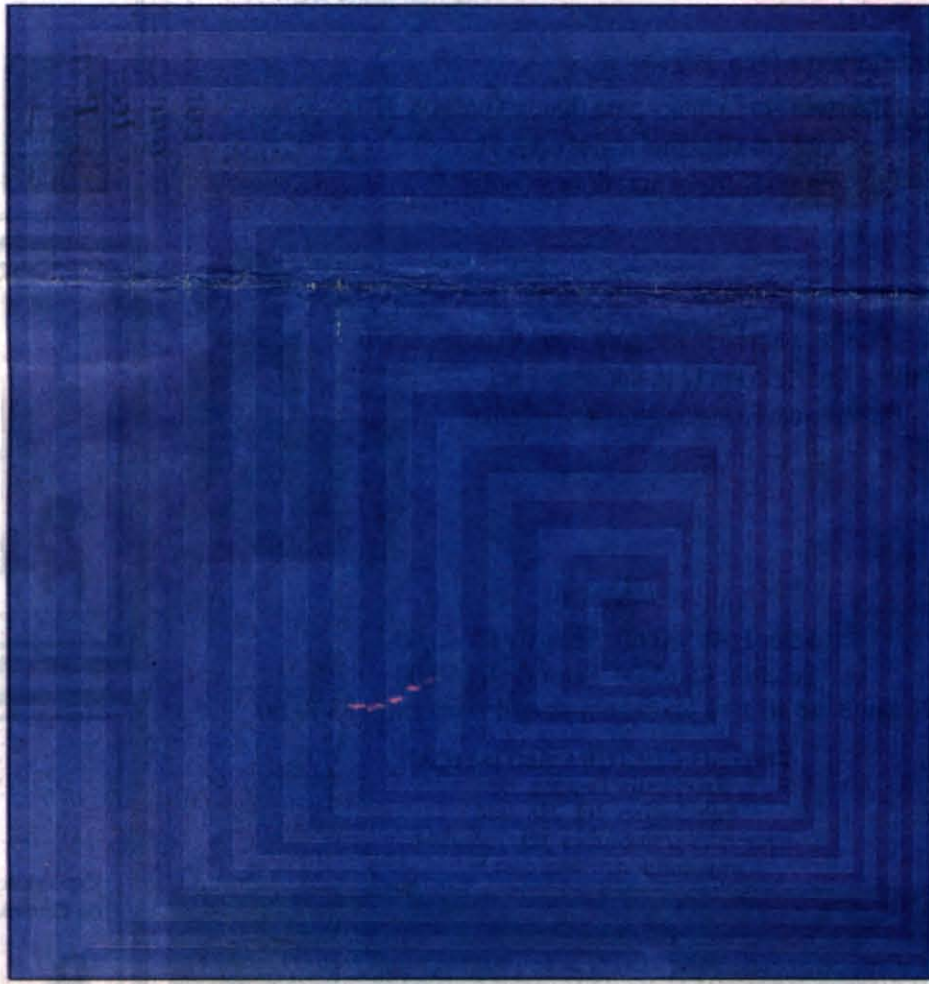
A motivação do artista para a retomada da fotografia surgiu ao notar o crescente interesse nacional e internacional por sua obra, despertada a partir da catalogação e documentação e, especialmente, da cuidadosa busca de contatos institucionais coordenadas a partir da Suíça por Fabiana, que mora

lá. Tudo isso se traduziu em mostras prestigiosas e presença em acervos europeus e brasileiros importantes.

"Descobri a obra fotográfica de Geraldo quando, em 1973, encontrei uma caixa de negativos 6 cm X 6 cm que ele guardava no fundo de um armário de malas" conta ela. "Junto com um monte de cartas de amor dele para mamãe eu encontrei a série *Fotoformas*, o que foi um susto porque eu não sabia que ele era fotógrafo."

Desconhecimento justificado. Afinal, Geraldo tinha exposto esses trabalhos uma única vez no Brasil, em 1950, no Museu de Arte de São Paulo (Masp). Mostra, aliás, que lhe garantiu muitos elogios e uma bolsa de estudos em Paris, em 1951, onde teve oportunidade de aproximar-se do escultor concreto suíço Max Bill, um dos estóios da arte concreta.

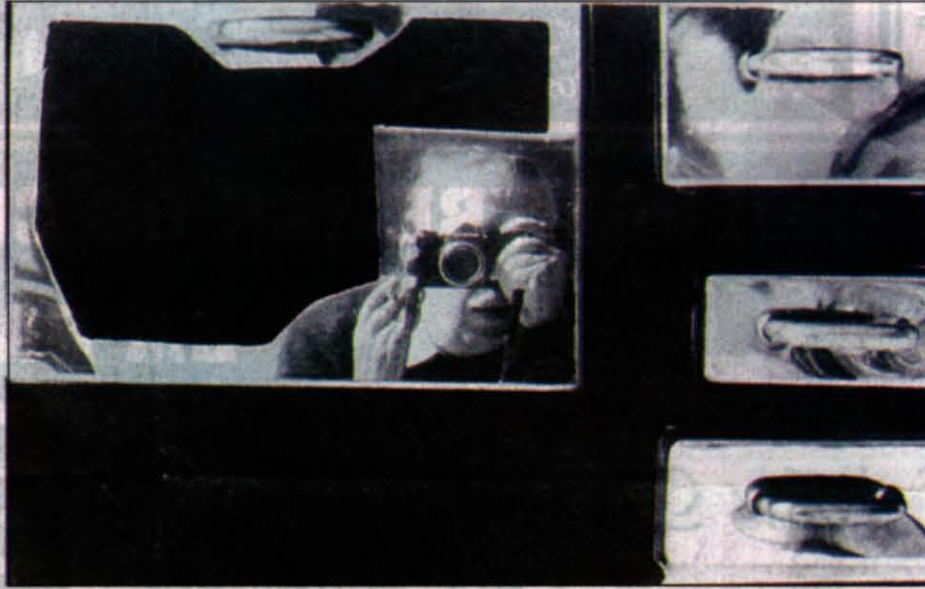
Os negativos encontrados no armário de malas foram restaurados em um laboratório especializado suíço e estão atualmente depositados no acervo do Museu de l'Elysée (Lausanne, Suíça).



Trabalho exposto na Bienal de Veneza de 1986: parte significativa de sua obra é posterior à isquemia cerebral que sofreu em 1983, como a série em torno do cubo

MOSTRA TAMBÉM PASSARÁ POR SÃO PAULO, ZURIQUE, BERLIM E LAUSANNE

'Auto-retrato' de Geraldo de Barros: seus trabalhos fotográficos foram expostos só uma vez no Brasil, em 1950, mostra que lhe garantiu uma bolsa de estudos em Paris



'Thalassa': para Ezra Pound



Da série 'Fotoformas', do fim dos anos 40: nova sintaxe visual